

# Saint-Hilaire

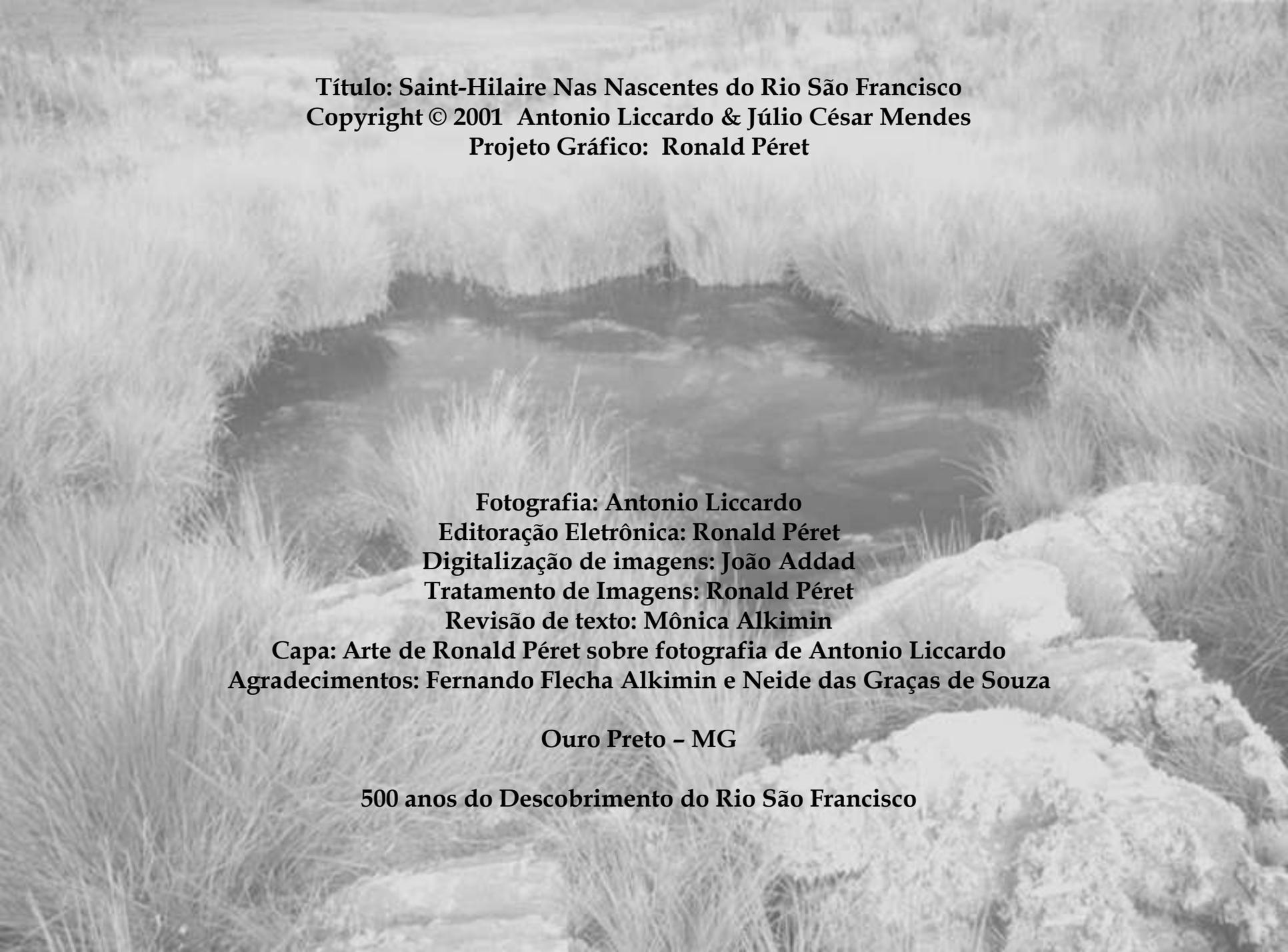
revisitado por  
Antonio Liccardo  
Júlio César Mendes

Nas Nascentes  
do Rio São Francisco

# Saint - Hilaire

Nas Nascentes do Rio São Francisco

Antonio Liccardo & Júlio César Mendes



**Título: Saint-Hilaire Nas Nascentes do Rio São Francisco**  
**Copyright © 2001 Antonio Liccardo & Júlio César Mendes**  
**Projeto Gráfico: Ronald Péret**

**Fotografia: Antonio Liccardo**  
**Editoração Eletrônica: Ronald Péret**  
**Digitalização de imagens: João Addad**  
**Tratamento de Imagens: Ronald Péret**  
**Revisão de texto: Mônica Alkimin**  
**Capa: Arte de Ronald Péret sobre fotografia de Antonio Liccardo**  
**Agradecimentos: Fernando Flecha Alkimin e Neide das Graças de Souza**

**Ouro Preto - MG**

**500 anos do Descobrimento do Rio São Francisco**



**Este livro é dedicado à memória de José Mendes da Silva, o personagem “Tito Sinfrônio” de Matipó, que partiu para junto de Saint-Hilaire no dia seguinte ao término dessa expedição.**

A black and white photograph of a dirt path winding through tall grass and rocks. The path is the central focus, leading from the foreground into the distance. The grass is tall and dense, and the rocks are scattered along the path and in the foreground. The overall scene is a natural, outdoor setting.

## Sumário

- 1 - Apresentação
- 2 - Saint-Hilaire e o Século 21
- 3 - A Rota
- 4 - A Entrada em Minas Gerais: Rio Negro - Serra Negra
- 5 - Campos - Rio Grande
- 6 - Rio Grande - São João del Rey
- 7 - São João Del Rey a Tamanduá
- 8 - Os Sertões - Formiga a Pium-i
- 9 - As Nascentes do São Francisco
- 10 - Os Personagens

# APRESENTAÇÃO

Uma pintora fazendo a apresentação de livro de dois geólogos, que revisitaram o roteiro histórico feito por Auguste Saint-Hilaire em nosso território, no século XIX? Que ousadia!!!

Porém, ao receber o convite dos dois - já lhes declarando minha simples condição de apenas curiosa diletante, interessada na história de Minas e nos roteiros do passado - não pude resistir...

Tenho, ao longo do tempo, em função de meu trabalho, me debruçado com gosto e disposição sobre fatos de nossa história e sobre o caminhar desbravador em nosso estado: desde Spinoza, em 1553, que entra pelo Rio Jequitinhonha e chega ao Rio São Francisco, passando pela bandeira de Fernão Dias, até a descoberta do Ribeirão do Carmo, em Mariana, que dá início a todo o processo de exploração mineira no período do Ciclo do Ouro.

Desbravados os caminhos do ouro, outras rotas se fizeram a partir do início do século XIX, desta vez por franceses, ingleses e alemães que, passando pelos campos e serras codificaram nosso solo, traçaram nossa cartografia, fizeram anotações sobre os costumes, o povo, a flora e fauna que caracterizam Minas Gerais.

Saint-Hilaire foi um desses visitantes e, entre os caminhos que percorreu, está o que fez em busca das nascentes do Rio São Francisco, passando por montanhas, campos, fazendas, vilarejos e vales, anotando suas impressões geográficas e humanas.

Esse caminho percorrido por Saint Hilaire foi, agora, também trilhado pelos geólogos Júlio César Mendes e Antonio Liccardo que encontraram, ainda, sinais da presença deste ilustre visitante: desde restos de uma velha ponte de madeira no Rio Preto até o nome da vila de Santo Hilário, referência clara ao francês que por aqui passou.

Por todo o caminho, os novos viajantes encontraram pedaços da história de Minas: restos e trechos da antiga Estrada Real, velhas fazendas que atravessaram o tempo, pesados alicerces de paredes que ainda permanecem de pé, uma capela... e, cercando tudo, montanhas suaves, verdes vales, corredeiras de água pura que o homem ainda não poluiu.

Mas, o mais importante, encontrado pelos autores deste livro, foi a presença humana do mineiro em sua simplicidade e hospitalidade, como no passado, lembrando-nos que, sob esse aspecto, Minas continua a mesma. Evocando Drumond, no Rio de Janeiro que, em seu poema nos legou a frase antológica, com saudades da realidade mineira:

*Espírito de Minas, me visita  
e sobre a confusão desta cidade  
lança teu claro raio ordenador*

O Espírito de Minas certamente guiará a todos na redescoberta do roteiro ora traçado pelos autores.

Belo Horizonte, setembro de 2001

Yara Tupynambá

## SAINT-HILAIRE E O SÉCULO 21

A abertura dos portos, em 1808 e a vinda de grandes nomes da cultura europeia constituíram um marco na formação do conceito de brasilidade. As descrições sobre o Brasil iniciaram-se com a carta de Pero Vaz de Caminha, começaram a tomar forma com os escritos dos jesuítas e se consolidaram com o relato dos vários exploradores europeus, a partir do início do século XIX. Neste período, viajantes como Saint-Hilaire, Eschwege, Spix, Martius, o príncipe Maximiliano e o barão Langsdorff retrataram o Brasil sob um ponto de vista distante, descritivista e racional, característico da época.

Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853) esteve no Brasil de 1816 a 1822 e viajou por Minas Gerais, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Goiás, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Uruguai. Sua viagem coincidiu com o início da sistematização científica, o que propiciou relatos muito detalhados e precisos sobre tudo o que viu. Para Antônio Gaio Sobrinho, historiador em São João Del Rey, dos estrangeiros que aqui passaram, Saint-Hilaire foi o mais minucioso e comedido. Falou da terra e da gente brasileira com muita simpatia e mostrou uma predileção especial por Minas Gerais pela sua hospitalidade.

Esse naturalista fez várias viagens pelo interior. Em 1819 saiu do Rio de Janeiro, visando a alcançar as nascentes do Rio São Francisco. Seu relato sobre essa viagem constitui um dos primeiros documentos que descreve a geografia, o meio ambiente e aspectos sociais do caminho para Goiás, passando por Minas Gerais.

A experiência de refazer o trajeto, sob a ótica do século XXI, mostrou o contraste entre as diferentes realidades que existem no Brasil. O relato, muito minucioso, permitiu determinar o caminho com exatidão, depois de tanto tempo, e revela o olhar acurado do autor como observador de uma época. Sua descrição dos aspectos geográficos e ambientais é tão precisa que remete o leitor à realidade do século XIX.

Caminhar ao longo dessa rota significou retornar no tempo e dimensionar as dificuldades e a coragem desses viajantes, numa região praticamente desabitada e por vezes inóspita.



Alguns locais permanecem exatamente iguais à descrição feita por Saint Hilaire, enquanto outros mostram o poder de interferência do ser humano sobre a natureza.

O fato de se estar nos locais já descritos por Saint-Hilaire e acompanhar suas descrições dá-nos a sensação familiar de já se ter estado ali antes. Quase todas as fazendas situadas no percurso da viagem parecem paradas no tempo. São bastante rudimentares e muitas vezes isoladas, lembrando os próprios relatos de Saint-Hilaire. Os fazendeiros são completamente alheios à preservação de monumentos históricos e, muitas vezes, do meio ambiente. Na maioria das cidades, no entanto, já existem pessoas preocupadas com aspectos ecológicos e com a preservação da história.

A conservação do meio ambiente, de um modo geral, está estreitamente vinculada às condições geomorfológicas da região. Nas regiões de difícil acesso, como a Serra Negra, o impacto da ocupação humana é bem menor. A grande necessidade de geração de eletricidade ameaça mudar este quadro, pois este tipo de topografia facilita a construção de barragens, mudando radicalmente a paisagem.



Nas regiões mais planas ou de fácil acesso, as principais interferências sobre o ecossistema foram a agricultura e pecuária. O aproveitamento pleno do potencial mineral do Estado de Minas Gerais foi o grande diferencial entre as realidades do início do séculos XIX e XXI. Em 1820, só existiam alguns garimpos de ouro e, em 2001, a mineração é a base da economia de muitos municípios do percurso.

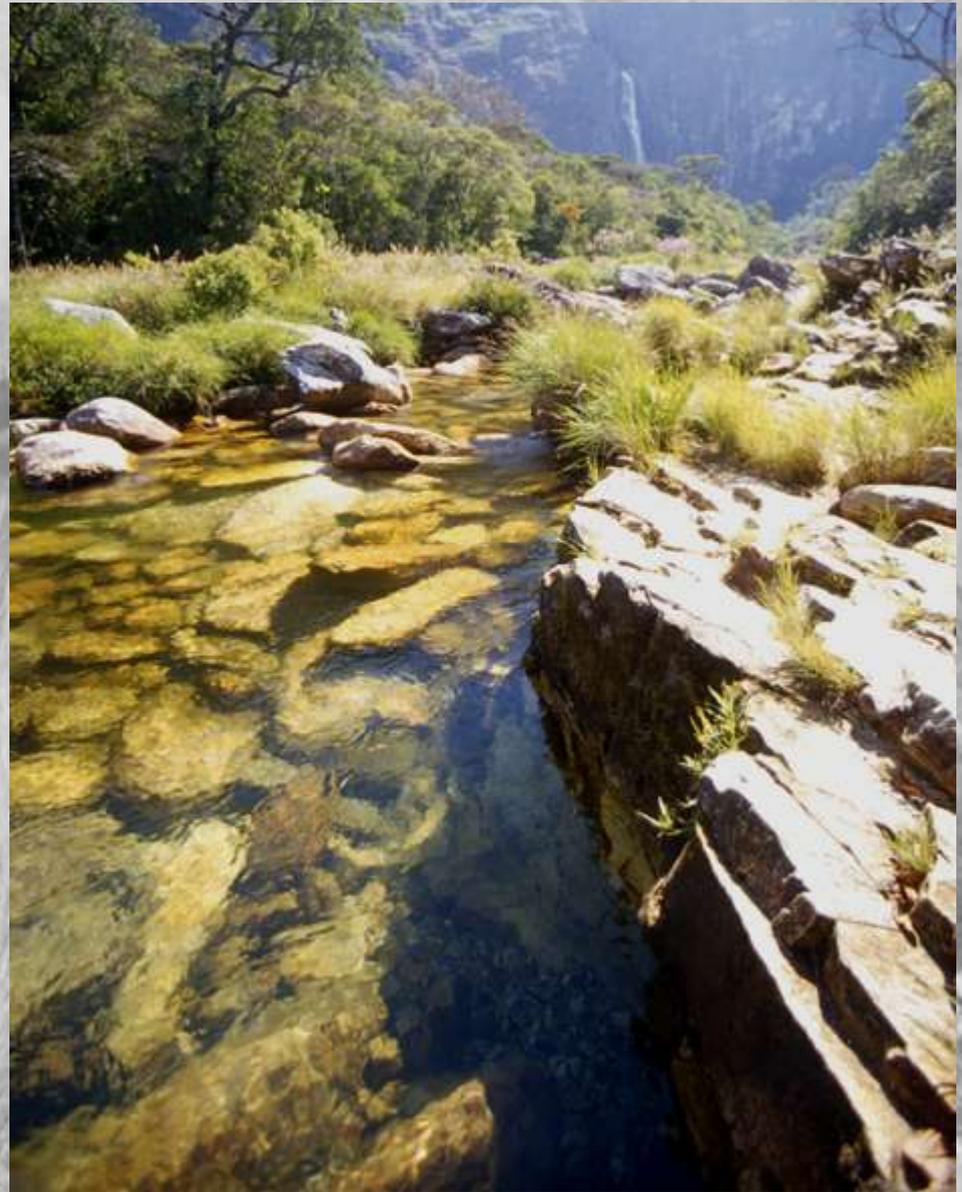
Ouro em São João Del Rey e diamante em Vargem Bonita já foram intensamente explorados, enquanto estanho e tântalo em São Tiago e calcário em Córrego Fundo ainda são bons exemplos da vocação mineradora de Minas Gerais.

A importância dos rios brasileiros assume papel de destaque no relato, a ponto do autor imaginar uma possível ligação fluvial entre Buenos Aires e Belém. Sua descrição dos cursos d'água é minuciosa e a possibilidade de aproveitamento dos recursos hídricos é aventada. Os rios Preto, Grande e São Francisco são os grandes referenciais desta viagem.

No Rio Preto, a degradação da qualidade da água e os projetos de construções de múltiplas barragens para a geração de energia representam contrastes entre os relatos e a atualidade. Na época de Saint Hilaire, os afluentes desse rio, que nasciam na Serra Negra, impressionaram pela limpidez de suas águas.

Com a demanda crescente por eletricidade, as barragens previstas representarão uma mudança radical na paisagem.

O aparecimento do Arraial de Capitinga, atual Santo Hilário, submerso desde a década de 60, é um sinal claro da íntima relação entre a história e o meio ambiente, uma vez que, nesses dois séculos, a tônica da história humana foi a de agressão inconseqüente à natureza.





A modificação na paisagem do Rio Grande com a construção da Represa de Furnas reflete-se em inúmeros aspectos. Implantou-se uma infra-estrutura turística baseada no nível da água, que passou a fazer parte da economia local. Com o abaixamento desse nível, boa parte dessa infra-estrutura perdeu a utilidade, com desvalorização dos imóveis e uma crise na geração de renda na região

A criação do Parque Nacional da Serra da Canastra, em 1972, foi o fator de preservação das cabeceiras do São Francisco. O impacto causado pelos garimpos de diamante, em Vargem Bonita, não foi suficiente para modificar a manutenção do ecossistema de toda a região. As paisagens descritas por Saint-Hilaire permanecem intactas na Serra da Canastra. A preservação da nascente do Rio São Francisco em um parque nacional, comparada com a imensa interferência do homem no seu curso, com a sua importância nacional e com os problemas de escassez de água e energia elétrica desses séculos, é um sinal para que se busquem novas maneiras de aproveitamento dos recursos naturais.

O registro dessa viagem, num momento em que se comemoram os 500 anos da descoberta do Rio São Francisco e se discute intensamente a utilização dos recursos naturais brasileiros, constitui-se em um documento atual e, ao mesmo tempo, resgata um pedaço da história do Brasil e ajuda a entender a complexidade deste país.



A edição em português de VIAGEM ÀS NASCENTES DO RIO SÃO FRANCISCO, publicada em 1975 pela Livraria Itatiaia Editora Ltda e Editora da Universidade de São Paulo, serviu de base para essa “revisita” à rota percorrida por Saint-Hilaire. 04 de outubro de 2001 - 500 anos da descoberta do Rio São Francisco.

## A ROTA

Este trabalho iniciou-se em Rio Preto, na divisa do Rio de Janeiro com Minas Gerais, rastreando a antiga rota das tropas até às nascentes do Rio São Francisco, na Serra da Canastra.

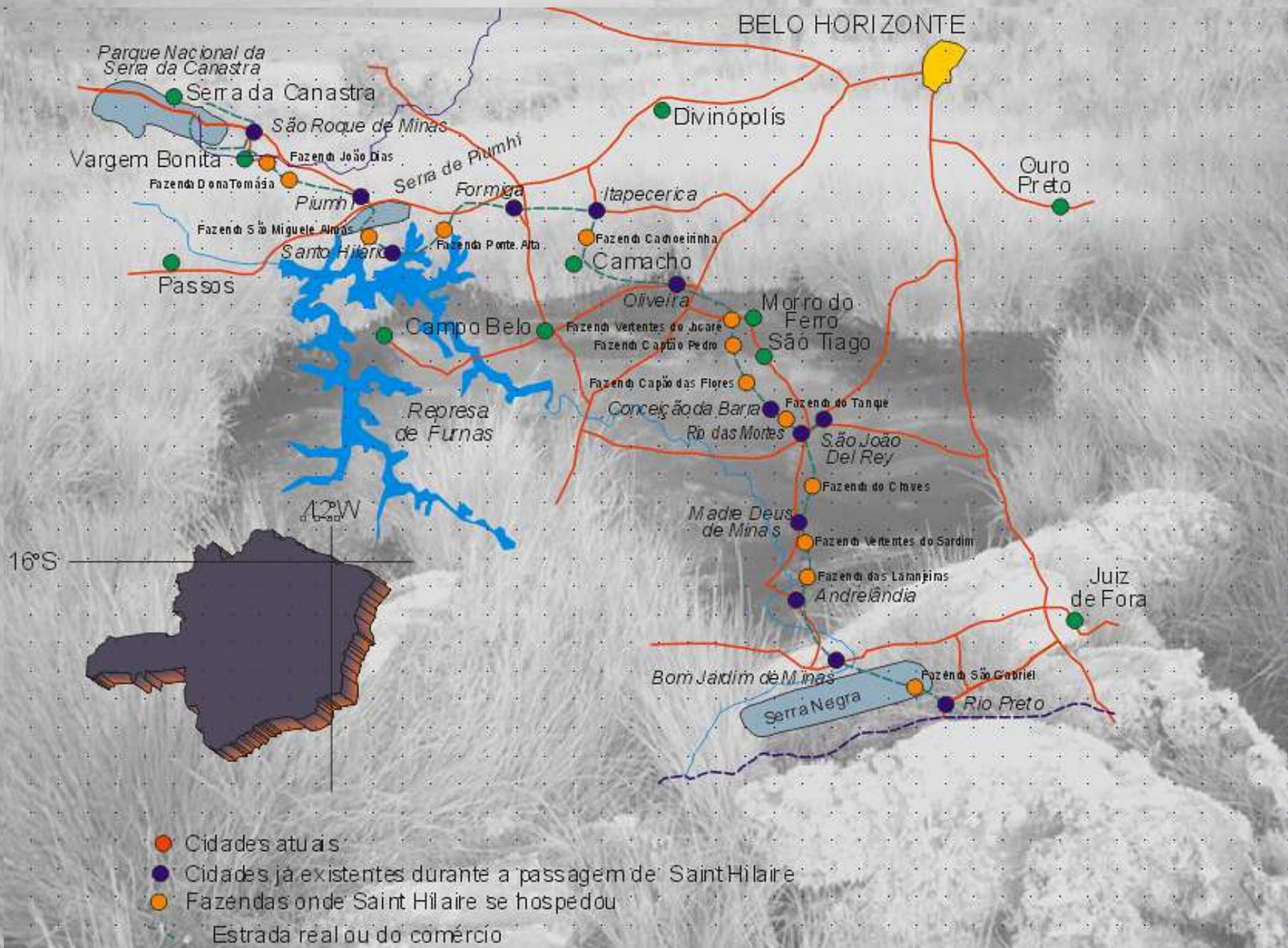
A distância média percorrida pelo viajante e sua tropa, durante um dia, variava entre duas e três léguas, o que equivale a 12 e 18km, respectivamente. O percurso total, ao longo da Estrada Real ou do Comércio, foi de 80 léguas, correspondente a 480km. Hoje, passando pelos mesmos lugares através de estradas para automóveis, a distância entre Rio Preto e as nascentes do Rio São Francisco é de, aproximadamente, 650km.

No início da viagem em Minas Gerais, a partir de Rio Preto e atravessando a Serra Negra, Saint Hilaire se depara com uma floresta muito densa, a Mata Atlântica, hoje muito reduzida em toda a costa brasileira em virtude do intenso desmatamento. É uma região muito montanhosa e íngreme, sem topos planos e com uma vegetação característica. A partir daí, a paisagem se caracteriza pelos campos de relevo mais regular e vegetação de gramíneas e arbustos.

Saindo da Serra Negra, a tropa caminhou pelos campos no vale do Rio Grande, a principal referência geomorfológica na região. Os campos predominam até à nascente do rio São Francisco, com exceção das montanhas quartzíticas como a Serra do Lenheiro, em São João Del Rey; a Serra de Pium-i, na região entre Santo Hilário e Pium-i e a própria Serra da Canastra. Nesse trajeto, é exceção a região onde está a cidade de Itapeçerica, com matas mais densas e topografia mais acidentada.

## TABELA DE DISTÂNCIAS

Rio Preto até São Gabriel .....	2,5 léguas
São Gabriel ao Alto da Serra Negra .....	5,5 léguas
Serra Negra até a Fazenda Laranjeiras.....	8,0 léguas
Fazenda Laranjeiras até a Fazenda Vertentes do Sardim .....	1,5 léguas
Fazenda Vertentes do Sardim até a Fazenda Chaves .....	4,5 léguas
Fazenda Chaves até Rancho do Rio das Mortes Pequeno .....	4,0 léguas
Rancho até São João Del Rey .....	1,5 léguas
Rancho até Fazenda do Tanque .....	3,0 léguas
Tanque até a Fazenda Capão das Flores .....	3,5 léguas
Fazenda Capão das Flores até Fazenda Capitão Pedro .....	2,5 léguas
Fazenda Capitão Pedro até Fazenda Vertentes do Jacaré .....	3,5 léguas
Vertentes do Jacaré a Oliveira .....	3,5 léguas
Oliveira a Fazenda Cachoeirinha .....	6,5 léguas
Cachoeirinha a Tamanduá .....	2,0 léguas
Tamanduá a Formiga .....	4,0 léguas
Formiga a Fazenda Ponte Alta .....	4,0 léguas
Ponte Alta a Fazenda São Miguel e Almas .....	4,5 léguas
Fazenda São Miguel e Almas até Pium-i .....	2,5 léguas
Pium-i a Fazenda Dona Tomázia .....	3,5 léguas
Dona Tomázia a Fazenda João Dias .....	3,5 léguas
João Dias a Cachoeira Casca D'Anta .....	4,5 léguas
João Dias a Serra da Canastra .....	6,0 léguas





## **ENTRADA EM MINAS GERAIS: RIO PRETO - SERRA NEGRA**

Saint-Hilaire começou sua viagem em território mineiro cruzando a ponte sobre o Rio Preto, na divisa dos estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro. A cidade de Rio Preto, apesar de sua importância no início do século XIX, por ter sido um posto aduaneiro, hoje é uma pacata cidade do interior mineiro, com características fluminenses. Pouco restou da época áurea de Rio Preto, tendo a cidade sofrido com problemas de preservação tanto do patrimônio histórico quanto do meio ambiente.



**D**ona Aida Ramalho Pinto, farmacêutica de 82 anos e o jovem Marcos Machado Monteiro, artesão, ambos nativos de Rio Preto, são pessoas muito preocupadas com a preservação das casas e restos de construções antigas, que compõem o patrimônio histórico local. Graças a eles, foi possível identificar os pilares de madeira da ponte que o explorador utilizou para atravessar o Rio Preto, cravados no leito do rio a uns 300 metros abaixo da ponte atual. Segundo Manuel do “Jerônimo”, 77 anos, também natural de Rio Preto, esses pilares já estavam lá desde a época em que começou a pescar nesse rio aos 12 anos. Segundo, ainda, as pessoas mais idosas da região, a velha ponte teria sido construída no tempo dos escravos.

**N**os arredores da cidade de Rio Preto, as matas densas já não existem mais, tendo sido a maior parte transformada em pastagem. Quanto ao rio, bastante poluído e com quase nenhum peixe, é o grande ponto de discussão atual, devido a projetos de construção de barragens para a geração de energia, barragens estas que irão inundar as áreas planas na região.



Existia um posto alfandegário logo após a ponte que controlava a entrada e saída de mercadorias da província de Minas Gerais. Pela descrição de Saint Hilaire, esse posto, apoiado sobre mourões, onde ele passou a noite com sua tropa, seria a casa do “Seu” Manuel do “Jerômo”.



A partir do Rio Preto, a tropa iniciou o caminho de subida para a Serra Negra. No trajeto, encontram-se as ruínas de uma casa de pedras e os alicerces de outra edificação próxima ao córrego São Gabriel onde, possivelmente, Saint Hilaire tenha dormido. O Sr. Brás Ferreira de Freitas, com 96 anos, nascido na região hoje conhecida como Funil, diz que a casa de pedra era uma construção muito grande e que depois veio abaixo, restando somente as grossas paredes de pedras de um dos cômodos.



Existem várias histórias sobre os caminhos que cortavam a Serra Negra. A mais difundida, no entanto, é a do "burro de ouro". Conta-se que na passagem de uma tropa conduzida por contrabandistas de ouro vindos de Goiás, houve um ataque de negros que viviam em quilombo ou da fiscalização portuguesa e um dos burros, carregado com muito ouro, teria caído num precipício e nunca mais fora encontrado. Existe quem procure esse ouro até hoje.



O relevo abrupto e com vales encaixados, característico dessa região de rochas metamórficas, compostas de gnaisses, charnoquitos e quartzitos, foi descrito com uma grande riqueza de detalhe pelo explorador francês. Graças, possivelmente, a essa topografia muito acidentada, o ecossistema da Serra Negra continua razoavelmente preservado, ao contrário das áreas planas próximas à cidade de Rio Preto. Os solos arenosos com coberturas acinzentadas descritos pelo naturalista correspondem às montanhas de quartzitos brancos e friáveis que compõem os cumes da Serra Negra.



## **CAMPOS - RIO GRANDE**

Ao deixar a Serra Negra, Saint Hilaire destacou o contraste de paisagem entre a densa Mata Atlântica, onde muitas vezes o horizonte esteve ao alcance das mãos e a amplidão dos campos da região do Rio Grande, onde o relevo é suave, os ventos são secos e as sombras são escassas, devido à predominância de gramíneas e arbustos. Realmente é grande a diferença entre o calor predominante nesta área e a sensação de frescor e umidade constante dentro da floresta, na Serra Negra.



Após atravessar o Rio Grande, o naturalista passou pelos locais onde, atualmente, situam-se as cidades de Bom Jardim de Minas e Andrelândia. Em Bom Jardim de Minas descreveu uma capela, situada no topo de um morro suave, característico da região. A capela ainda existe e os moradores mais velhos comentam sobre o intenso movimento na cidade, inclusive comercial, na época da passagem das tropas.



Do Povoado do Turvo (atual Andrelândia), o naturalista francês apresenta uma descrição minuciosa da topografia, principalmente no que se refere à Serra dos Dois Irmãos, a oeste, e à Serra de Juruoca, a sudeste, hoje conhecida como Serra do Papagaio e pertencente ao município de Aiuruoca. A Estrada Real passava num dos locais mais elevados, onde hoje se encontra a estátua de Cristo voltada para o centro de Andrelândia.

Saint-Hilaire descreve a forma dos morros que compõem a Serra dos Dois Irmãos como piramidal curta e de base ampla, tendo subido em um deles para coletar amostras de plantas. Esses morros são compostos por quartzitos que se apresentam em camadas mergulhando cerca de 30º para leste e com escarpas abruptas no lado oeste, o que explica a conformação por ele descrita.



As informações sobre a história local e a possível localização das fazendas citadas no relato foram levantadas em Andrelândia, com o historiador Marcos Paulo de Souza Miranda. Este estudioso de 26 anos participa também de uma ONG preocupada com a preservação histórica e ambiental da região, principalmente de sítios arqueológicos descobertos recentemente.



Em São Vicente de Minas, outro historiador, Antônio Alves Lima (63 anos), estudioso da genealogia local, também fornece importantes indícios sobre as construções remanescentes. Segundo Antônio, ele mesmo seria um descendente do proprietário da Fazenda Vertentes do Sardim, seu “quinto-avô”, que hospedou o naturalista francês a caminho de Madre de Deus.



Sobre as fazendas da região, a Fazenda das Laranjeiras é a única que foi mantida em boas condições e com poucas modificações. De fato, nela é possível observar detalhes como a proximidade da Estrada Real, hoje apenas reconhecível pelo sulco deixado e os muros característicos de pedra encaixada. Mesmo no interior da casa ainda se respira uma atmosfera colonial.

O caminho pela região dos Campos segue, aproximadamente, o curso do rio Grande até chegar a Madre de Deus, onde pouco restou das construções da época. Antônio comenta que foi seu primo padre quem demoliu a igreja antiga para a construção de uma mais moderna.



Resta ainda uma pequena capela construída naquela época e que sofreu poucas modificações. Seguindo o caminho, a Fazenda dos Chaves, onde foi o próximo pernoite da tropa, foi totalmente destruída, restando somente o nome do Córrego dos Chaves. O local é uma planície aluvionar, à beira de um curso de água turva, em meio a uma topografia regular, coerente com a descrição que o autor faz dessa fazenda. À semelhança do que escreve Saint-Hilaire, nesse local ainda percebe-se a presença de uma infinidade de pássaros a cantar no final da tarde.



## **RIO GRANDE - SÃO JOÃO DEL REY**

O caminho para São João Del Rey, o grande centro urbano da região em 1819, passava pelo Rancho do Rio das Mortes, atual Povoado de Santo Antônio do Rio das Mortes. Nesse rancho, Saint-Hilaire se instalou por vários dias em função de problemas de saúde de Yves Prégent, seu companheiro de expedição e empalhador oficial de animais do grupo.

O Rio das Mortes que banha esse povoado é o que Saint-Hilaire chamou de Rio das Mortes Pequeno e que deságua no Rio das Mortes Grande, principal curso de água da região de São João Del Rey. Esse povoado encontra-se totalmente modificado e existem apenas ruínas de uma casa que, segundo os moradores, é a construção mais antiga de Santo Antônio do Rio das Mortes. São paredes de grandes tijolos de adobe, que eram características das construções dessa época.



Saint-Hilaire, rumando para São João, descreveu as rochas “nuas e pontiagudas” de uma serra do lado esquerdo que ele chamou de Serra de São João. O historiador Antônio Gaio Sobrinho (65 anos) de São João comenta que, tanto hoje quanto na época, a serra já era conhecida como Serra do Lenheiro.

O viajante francês encontrou muitos dissabores em São João Del Rey, culminando com a morte de seu amigo Prègent pela febre. Segundo médico e curandeiros locais essa febre teria sido contraída na passagem pela Mata Atlântica. A doença do empalhador obrigou Saint-Hilaire a se instalar num albergue de última categoria nessa cidade.

O primeiro hotel de São João Del Rey, funcionando até hoje, só veio a ser inaugurado em 1840, na margem direita do Rio das Mortes Grande. Registros sobre o óbito de Prègent não puderam ser encontrados na igreja matriz da cidade.



Saint Hilaire, em seu relato, elogia muito o contato que teve com o pároco da matriz, o padre Joaquim Mariano da Costa Amaral Gurgel, segundo os arquivos do padre atual, o Monsenhor Paiva. A igreja matriz sofreu modificações em sua fachada posteriormente à passagem dessa expedição, mas mantém intactas algumas características arquitetônicas dessa época.



## SÃO JOÃO DEL REY - TAMANDUÁ

Saindo de São João Del Rey, o grupo do naturalista pernitoou na Fazenda do Tanque, descrita como um local muito aprazível, circundado por morros pouco elevados e situado num amplo vale cortado pelo Rio das Mortes Grande. Atualmente, ainda podem ser vistos os muros de pedra que cercavam a sede dessa fazenda, em meio aos pastos e currais. No Povoado de Conceição da Barra, atual Conceição da Barra de Minas, Saint-Hilaire ficou estupefato com o tamanho da igreja em relação às moradias miseráveis do lugar. As igrejas do Rosário, Conceição e Santo Antônio, apesar de modificadas, são as únicas construções remanescentes da época de sua passagem por esta vila.





Seguindo caminho, Saint Hilaire foi para a Fazenda Capão das Flores, construída nas encostas e defronte a um vale aberto, com a Estrada Real passando em sua porta. Há cerca de dois anos, a prefeitura do município de São Tiago retirou mais de 100 caminhões de pedra das ruínas da fazenda, para o calçamento das ruas.



Hoje, pouquíssimos resquícios da fazenda podem ser encontrados, como os restos dos muros e antigas madeiras utilizadas na sua estrutura. A Fazenda das Laranjeiras conserva toda a estrutura externa original, exceto a sede que foi destruída. Suas paineiras gigantes e centenárias, que não são comuns na região, testemunham uma época onde todo o transporte de Goiás para a capital do império passava por suas portas.

A presença do antigo cemitério e da capela, ainda que totalmente modificada, permite dimensionar a importância desse entreposto nessa rota tão importante para o Brasil colônia. Numa época em que quase não existiam aglomerações humanas, as paradas de tropas funcionavam como ponto de referência, inclusive religioso, para os poucos moradores da região.

A próxima fazenda do trajeto, a Fazenda do Capitão Pedro é, hoje, completamente desconhecida pelos habitantes da região. Graças a pessoas que têm a curiosidade natural pela história, como o vereador Heleno e os fazendeiros Murilo e Tiago, foi possível localizar, no meio do mato, a sede dessa fazenda. Entre os restos das espessas paredes de pedras dessa que já foi a mais importante fazenda da região, crescem árvores de troncos retorcidos. A reação eufórica de Heleno, Murilo e Tiago com a descoberta revelou a grandiosidade das construções dessa época e que hoje estão totalmente esquecidas no meio do nada. Um olhar mais atento revela a grande extensão dos muros que rodeavam esses pontos de descanso dos tropeiros.



Dessas sesmarias constituídas por grandes áreas, originaram-se os minifúndios atuais. Do Morro do Palmital, próximo à Fazenda do Capitão Pedro, Saint-Hilaire cita que era retirada uma canga ferruginosa, como minério de ferro, para uma forja, onde fabricavam-se utensílios como enxadas, machados e facões. Possivelmente, os restos encontrados de um forno doméstico, com paredes mais espessas que as normais e com qualidade refratária, possa ser essa forja. Do Morro do Palmital, próximo à Fazenda do Capitão Pedro, Saint-Hilaire cita que era retirada uma canga ferruginosa, como minério de ferro, para uma forja, onde fabricavam-se utensílios como enxadas, machados e facões. Possivelmente, os restos encontrados de um forno doméstico, com paredes mais espessas que as normais e com qualidade refratária, possa ser essa forja.



Numa das nascentes do Rio Jacaré, estava situada a Fazenda das Vertentes do Jacaré, o último pouso de Saint-Hilaire antes de chegar ao povoado de Oliveira. O Rio Jacaré é um triste exemplo do grande assoreamento que vem acontecendo nas últimas décadas, devido a uma utilização desordenada do solo em agricultura e pecuária. Hoje, a paisagem dominante na região é de grandes vossorocas, destruindo o solo arenoso coberto por ralas gramíneas.

Chegando ao Arraial de Oliveira, hoje cidade de Oliveira, o explorador francês descreve a imponência da igreja matriz, ornada por uma pedra de bela tonalidade verde, a qual ele chamou de talco petrificado. Esses detalhes em pedrasabão mantêm-se intactos, mesmo no interior da igreja e, apesar das modificações sofridas pela cidade, a praça principal parece manter a mesma atmosfera da época.

No Morro do Camacho (do guarani cama (seios) e chua (coisa pontuda)) distingue-se perfeitamente a forma do seio pontiagudo. Hoje, a seus pés nasceu a cidade de Camacho e todos os moradores acreditam que camacho deve seu nome a um fazendeiro espanhol.

Continuando em seu rumo, na Fazenda da Cachoeirinha, pertencente ao capitão-mor de Tamanduá, João Quintino de Oliveira, Saint Hilaire foi recebido com vinho do porto, pãozinho de excelente qualidade e gentilezas. Hoje, a fazenda desse homem que “trazia a bondade estampada na sua fisionomia” é cheia de história, como a contada por sua descendente, que diz que se alguém o vir à meia-noite encontrará um pote de ouro escondido em suas terras.





Remexendo o terreno onde estava a sede da fazenda, relíquias da época como cachimbos feitos pelos escravos e peças que adornavam as armas podem ainda ser descobertas.

Tamanduá, atual Itapecerica, produziu um agradável efeito na paisagem aos olhos argutos do naturalista. Um punhado de criminosos encontraram ouro, fundaram um arraial e, devido ao animal comedor de formigas, deram-lhe esse nome. A sede do termo (município) já tinha quase 25.000 habitantes e era um dos mais importantes centros urbanos da província de Minas Gerais.





Mesmo longe da importância de outrora, Itapecerica ainda transmite a mesma sensação agradável aos que por ela passam. Na época, já contava com três igrejas e duas capelas, duas das quais se mantêm com poucas modificações.



Conforme a descrição de Saint-Hilaire, a cidade

*... no seu conjunto ainda oferece um belo contraste contra o verde sombrio das matas que a rodeiam de todos os lados, não somente devido à brancura das paredes de suas casas e ao colorido dos telhados, mas também por causa da posição das casas, que parecem lançadas no meio das massas de verdura formada pelas bananeiras e laranjeiras que enchem os seus quintais.*



Hoje, a economia dessa cidade é amparada pela produção de grafite e de rochas ornamentais extraídas de seu subsolo. Personagem notório de Itapeccerica é o professor Vicente de Paula Diniz, que aos seus 58 anos, mantém viva a chama da história local e conta que, durante a época do império, o nível cultural dos habitantes era tal, que os mendigos liam os jornais em francês!



A casa que pertenceu ao capitão-mor de Tamanduá, personagem que impressionou fortemente Saint-Hilaire, hoje é o museu da cidade. Durante toda a rota, é uma das poucas cidades que teve a preocupação de preservar a cultura e história na forma de museu. Nessa casa/museu acontecem todos os anos, durante o festival de inverno, exposições de arte e cultura.



## OS SERTÕES - FORMIGA A PIUM-I

Em Formiga, Saint Hilaire conheceu um ancião centenário que fora a primeira pessoa a se estabelecer ali, em 1749, segundo seu relato. O arraial começava a despontar como um importante entreposto comercial, onde as mercadorias alcançavam preços elevados.

Durante sua passagem, a vila era formada por cerca de 1.000 habitantes, grande parte deles prostitutas, criminosos, mestres ferreiros e serralheiros, uma vez que sua localização no começo do sertão e ao lado de uma estrada muito freqüentada tornava o local privilegiado.



O comércio era tão ativo, que a loja mais bem abastecida era do pároco local e vendia também, incrivelmente, indulgências da Santa Cruzada. No centro antigo de Formiga, a igreja matriz está situada ao fundo de uma praça bastante larga e num ponto elevado. À época, o teto da igreja não tinha forro, seu interior era desprovido de ornamento e sua aparência geral condizia perfeitamente com a pobreza das casas do lugar. A situação hoje é bem diferente, pois a igreja é muito bonita, apresentando um dos interiores mais interessantes e alegres das igrejas mineiras.

O curso d'água que deu nome à cidade (Rio Formiga), como quase todos os rios que atravessam zonas urbanas, transformou-se em um grande coletor de esgotos. O centro histórico com suas ruas mal alinhadas, apesar do grande crescimento da cidade, ainda mostra um belo casario colonial. Seguindo a rota do explorador, a antiga Fazenda do Córrego Fundo está situada a 3km a noroeste da cidade de Córrego Fundo. Quase nada restou dessa construção, apenas alguns esteios de madeiras nobres desprezados no quintal de uma pequena casa.

A economia da região, hoje, baseia-se na indústria de cal e no turismo associado à Represa de Furnas. Aí está uma das maiores reservas mundiais de calcário calcítico próprio para a fabricação de cal, corretivo de solo e uma infinidade de outras aplicações em produtos industrializados.

A Fazenda Ponte Alta, onde Auguste Saint-Hilaire pernitoiu a caminho de Pium-i, é hoje um importante centro de referência turística dessa parte do Balneário de Furnas. A sede atual, apesar de não ser a mesma do início do século XIX, é antiga e pertence à mesma família desde 1856, quando o Coronel Aureliano Nunes e sua mãe vieram da Serra da Canastra.





O atual proprietário, Sr. Paulo Rodrigues Nunes, conserva a história de sua família com muito zelo e carinho. Ele afirma, com convicção, que uma das casas de pedra da Serra da Canastra, algumas ainda existentes e famosas hoje pelo turismo, teria pertencido a um de seus ancestrais. Na sede de sua fazenda, muito bem preservada, além de vender para turistas os produtos típicos da região, “Seu” Paulo Nunes possui um acervo de objetos antigos que tornam sua casa um verdadeiro museu local.



Velhas fôrmas de queijo em formato de coração, que eram utilizadas em casamentos e ocasiões especiais, figuram entre retratos de família, ferragens e baús. A história da família do Coronel Aureliano Nunes - mostrada pela matriarca em um recorte de jornal que diz ser o maior clã da América do Sul, com 300 anos de história - associada ao ambiente da fazenda, faz lembrar o Coronel Aureliano Buendía, do clássico Cem Anos de Solidão, de Gabriel Garcia Marquez. Rastreado o próximo ponto de parada da tropa de Saint-Hilaire, no município de Pimenta, o Sr. Francisco Alves Garcia (91 anos) e sua esposa Dona Terezinha, juntamente com o vereador Itacy de Oliveira comentam sobre a possível localização da Fazenda Capitinga. O Sr. Itacy, que nasceu em Santo Hilário, confirma o nome da vila de Capitinga e, ainda, que



a antiga capela mencionada pelo explorador francês está submersa nas águas do Lago de Furnas. Dona Terezinha comenta que nessa região havia uma grande incidência de maleita e febre amarela. Os tropeiros que vinham do Rio de Janeiro em direção a Mato Grosso traziam consigo uma tintura chamada “Manuel Gonçalves de Assis” feita com a raiz, seca e ralada, da “Calunga” ou “Sete Sangrias”, que os curandeiros utilizavam para tratar essas doenças. Em Minas Gerais, ainda hoje surgem, esporadicamente, focos de febre amarela no oeste do estado. O surgimento de uma vila chamada Santo Hilário (um santo pouco conhecido em Minas Gerais),



próxima à Estrada Real e nos confins dos sertões, sugere uma grande coincidência. “Seu” Juquinha (José Antônio Manuel de Oliveira), em seus 58 anos, diz que ouviu falar, quando criança, que o nome devia-se a um viajante famoso que passou por ali. O Dr. Fernando Coutinho de Oliveira, 84 anos, é o grande conhecedor da história de Capitinga e confirma que o nome Santo Hilário foi dado em homenagem ao naturalista francês, que teria causado forte impressão no local. A influência de viajantes estrangeiros em alguns lugares do interior do Brasil realmente foi muito grande.



A Vila de Capitinga foi coberta pelas águas de Furnas e a nova Santo Hilário foi reconstruída em local mais elevado. Com o grande abaixamento do nível de água na barragem, em função da crise energética atual (cerca de 15 metros), as ruínas da antiga vila vieram à tona.



Seguindo a lógica de que as igrejas são reconstruídas no mesmo terreno sagrado, a base das ruínas que reapareceu, possivelmente, é a mesma da capela onde Saint-Hilaire passou.

A presença da barragem foi o fator que obrigou a construção da igreja atual em local diferente da anterior. O explorador comentou sobre o Domingo de Ramos, em que as pessoas levavam grandes folhas de palmas bentas. Para ele, essas palmas verdadeiras, em uso em todo o país, lembram melhor a origem dessa festa do que os mesquinhos ramos de buxo ou de loureiro distribuídos nas igrejas da França.

Seguindo para a Fazenda São Miguel e Almas, situada a mais ou menos uma légua do pé da Serra de Pium-i, Saint-Hilaire ficou encantado com a cor azul intensa produzida por um corante natural, oriundo de uma planta das matas da região. Para ele, foi espantoso que as propriedades de uma espécie vegetal tão abundante no país (*Solanum indigoferum*) só fossem conhecidas num longínquo recanto da Província de Minas e sugere que os habitantes se dediquem ao cultivo da planta, cujo produto final poderiam exportar com proveito. Dona Terezinha, que havia nos falado sobre a tintura da “Calunga”, reconhece essa planta como sendo a quaresmeira do sertão e confirma tê-la utilizado, muitas vezes, quando jovem, para tingir tecidos. Saindo da Fazenda São Miguel e Almas e subindo por um caminho pedregoso e difícil, Auguste Saint-Hilaire alcançou o cume da Serra de Pium-i, de onde descortinou um dos panoramas mais vastos que até então tinha tido oportunidade de apreciar.



Ao fundo, avistou a Serra da Canastra, que bem merece esse nome, por ser comprida, lisa e arredondada em toda a extensão do seu topo, além de ser cortada verticalmente nas duas extremidades, similar à forma de uma canastra. O arraial de Pium-i, que tanto encantou o viajante francês, não apresenta vestígios desse tempo. Um centro cultural particular, criado e mantido por Dona Hebe Bruno, é o único elo da cidade com a sua história. A antiga igreja matriz de Pium-i, a que se refere Saint-Hilaire, foi destruída com a construção no mesmo local de uma mais moderna. Dona Hebe mantém um fantástico acervo de desenhos de todas as construções antigas da cidade, inclusive da primeira igreja matriz, feitos de memória por seu pai, que faleceu em 1986, com 82 anos.



A paisagem vista de Pium-i corresponde ao texto de Saint Hilaire:

*... onde pode se ver simultaneamente a planície a as montanhas, formando um conjunto a um tempo alegre e imponente, ao qual se acrescenta o agradável contraste oferecido pela presença de um povoado perdido no meio daquelas imensas solidões. O céu era de um azul puríssimo e uma paz maravilhosa, como não se encontrava mais na Europa, reinava sobre toda a natureza.*

Similar à Serra da Canastra, a de Pium-i é constituída por um grande pacote de quartzitos, com um topo plano formando extensas chapadas, cobertas de gramíneas.



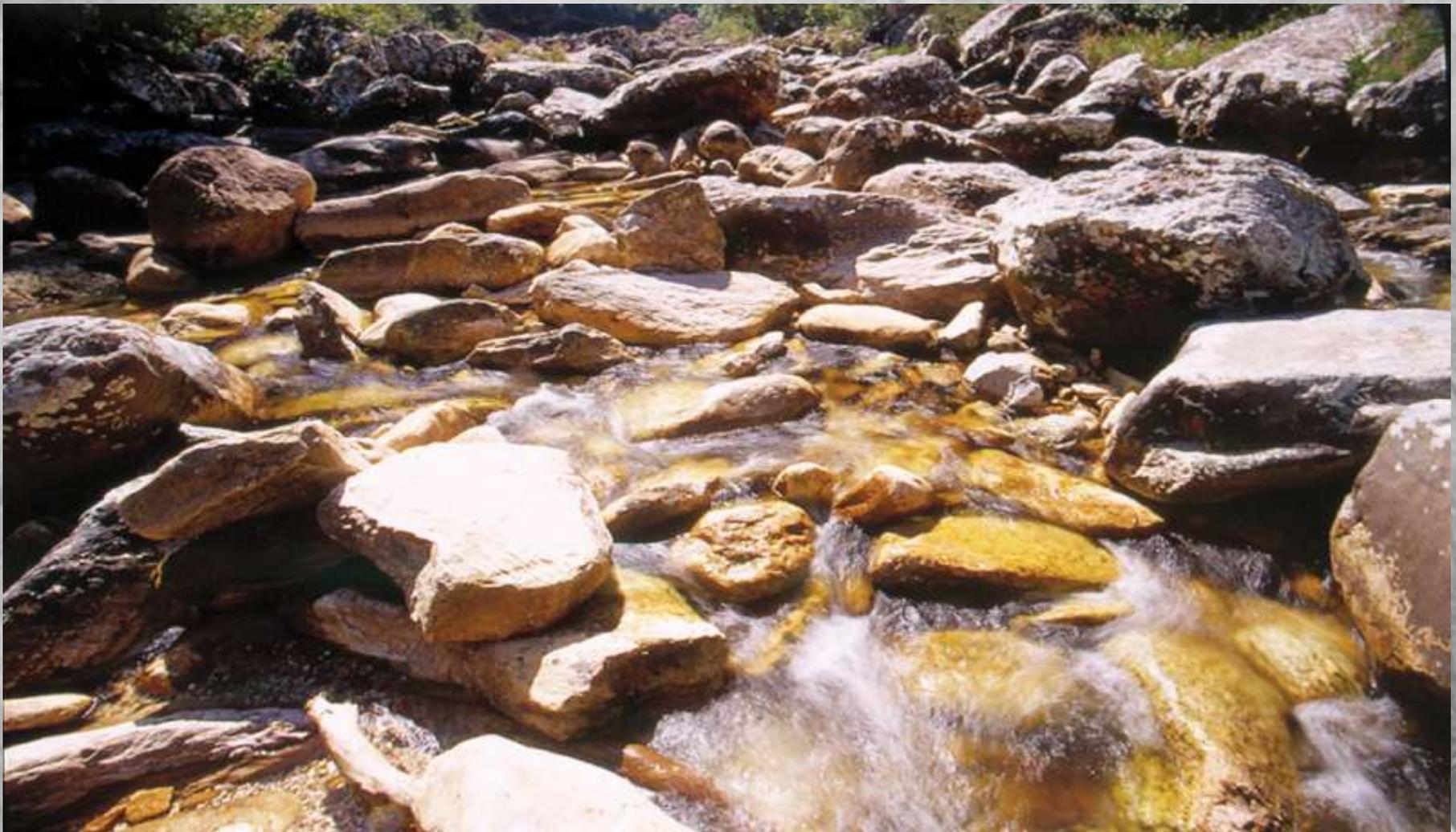
## AS NASCENTES DO SÃO FRANCISCO

Finalmente a caminho da Serra da Canastra, Saint-Hilaire é hospedado por uma senhora, Dona Tomázia, proprietária de uma grande fazenda situada três léguas e meia após Pium-i. Dona Tomázia, acompanhada de sua filha, recebeu-o muito bem, conversando sobre a grande fertilidade de suas terras e sobre o problema das ervas venenosas, que provocavam a morte de numerosas cabeças de gado na região. De Pium-i até à Fazenda da Dona Tomázia, as terras tornam-se mais homogêneas e mostram uma coloração vermelho-escuro, em contraste com os solos oriundos de quartzitos que compõem as serras.

O solo mais fértil, encontrado até o pé da Serra da Canastra, deve-se à alteração das rochas granitóides que constituem as áreas planas dessa região. Nessa fazenda encontram-se poucos resquícios da época da passagem do explorador. Um ou outro pedaço de madeira antiga, canais que levavam a água para a residência, restos da base da construção e velhas peças de ferro fundido são sinais de uma antiga história. Na vila de Cabresto, o Sr. Jaime Rodrigues Faria (nascido em 1919) afirma que a Fazenda de Dona Tomázia pertenceu à sua família.



Por coincidência, a sua tataravó se chamava Tomázia e, possivelmente, poderia ser a personagem citada por Saint-Hilaire. Outra coincidência é a de que, hoje, a Fazenda João Dias pertence ao “Seu” Jaime. Nessa fazenda totalmente modificada, ainda se encontram alguns resquícios do local onde o viajante alojou sua tropa por vários dias, enquanto foi à procura de uma grande cachoeira sobre a qual tinham-lhe informado. As pessoas contam muitas histórias de fantasmas e assombrações na extinta fazenda, onde morou o “Seu” Jaime. Um parente seu disse que, quando lá dormiu, ouviu barulho durante a noite toda e que a cama levitara com ele. “Seu” Jaime diz que nunca viu fantasma, mas que gostaria de ver, pois com esta idade coisas novas já não mais aparecem. A história de Ulisses Florêncio Seabra (60 anos), dono de um comércio de sanduíches, é muito curiosa. Numa vila como Cabresto, não tendo tido escolaridade oficial, ele é um autodidata conhecedor até mesmo de Saint-Hilaire e mostra com riqueza de detalhes o antigo leito da



Estrada Real na região. Como o sulco deixado por esta estrada é profundo, nos locais de declive mais acentuado, muitos fazendeiros fazem represamento de água, aproveitando essas feições topográficas. Saint Hilaire esclareceu que, embora existissem minas de ferro espalhadas em toda a província, o minério utilizado na Fazenda João Dias, numa pequena forja, era importado e vinha do Rio de Janeiro, distante dali 100 léguas. Entretanto, ele mesmo levantou a possibilidade deste minério ser produzido na própria Província de Minas Gerais.



Hoje, com o Quadrilátero Ferrífero, o Estado é um dos grandes produtores mundiais de minério de ferro. Saint-Hilaire deixou sua tropa nesta fazenda e partiu para encontrar uma grande cachoeira, de que tinham lhe falado, com o seu auxiliar João Mariano. Após percorrer um caminho muito maior do que o esperado, numa região quase totalmente desabitada, ele encontrou a casa do lavrador Felisberto, que se prontificou a hospedá-lo e guiá-lo até à Cachoeira da Casca d'Anta.



*... Embrenhamo-nos na mata e dentro em pouco começamos a ouvir o barulho da cachoeira. De repente avistei o seu começo e logo em seguida pude vê-la em toda a sua extensão ... O espetáculo arrancou de José Mariano e de mim um grito de admiração ... É essa a nascente do São Francisco.*



A casa de Felisberto, provavelmente, é a de Dona Vicentina de Almeida. Aos 60 anos, ela afirma que a casa que foi desmanchada era de sua avó, que nasceu em 1870 e da janela de sua sala, descortina-se a exata descrição feita por Saint-Hilaire. Felisberto recebeu maravilhosamente o viajante, servindo-lhe o que tinha em casa, feijão e leite e um colchão de palha sem lençol. “Foi oferecido de bom coração”, comentou o naturalista:



*... À noite, na casa de Felisberto, a luz de um luar soberbo me permitiu distinguir todas as coisas, com a cachoeira refletindo o clarão do fogo que devorava um pasto vizinho.*

O costume de queimadas na região permanece até os dias atuais. As gramíneas das áreas altas somente servem como alimentação para o gado durante a época das chuvas, após ser queimada e no início da sua brotação. Segundo os fazendeiros, queimam-se os pastos entre os meses de abril a agosto, tornando possível a alimentação do gado entre setembro e janeiro. Saint-Hilaire desviou-se de seu roteiro em direção a Goiás, apenas para conhecer esta queda d'água, de 203 metros. Ao vislumbrar a Cachoeira da Casca d'Anta é possível sentir o impacto causado ao explorador:

*... Para ter uma idéia de como é fascinante a paisagem ali, o leitor deve imaginar estar vendo em conjunto tudo o que a Natureza tem de mais encantador: um céu de um azul puríssimo, montanhas coroadas de rochas, uma cachoeira majestosa, águas de uma limpidez sem par, o verde cintilante das folhagens e, finalmente, as matas virgens, que exibem todos os tipos de vegetação tropical.*

De volta à Fazenda João Dias, Saint-Hilaire partiu com sua tropa rumo ao alto da Serra da Canastra. Este trajeto, entre a cachoeira e a fazenda, que tanto o impressionou pela limpidez das águas, recentemente, na década de 80, foi palco de uma das maiores explorações desordenadas de diamante que se tem notícia no Brasil. Garimpeiros descobriram a gema nas margens do Rio São Francisco e reviraram milhares de metros cúbicos de material. A cidade de Vargem Bonita, fundada por volta de 1935, teve o seu apogeu econômico nesse período e hoje montanhas de cascalhos revolvidos ainda causam um grande impacto visual. Antes de se iniciar a subida da serra, a tropa passou pela, Capela de São Roque isolada no alto de um outeiro e que, posteriormente,



deu origem à cidade de São Roque de Minas, o mais importante portal do Parque Nacional da Serra da Canastra. A característica mais marcante da Serra da Canastra, após a sua subida, é o enorme chapadão,



onde o naturalista encontrou, à exceção da Serra Negra, a maior variedade de espécimes vegetais de todas as suas andanças pelo Brasil. A riqueza de fauna e flora, associada à quantidade de nascentes, determinou a criação, em 1972, do Parque Nacional da Serra da Canastra, com mais de 70.000 hectares e abrangendo os Municípios de São Roque de Minas, Sacramento e Delfinópolis. Para Saint-Hilaire

*... O Chapadão é totalmente despovoado e sem cultivo. Suas terras nem mesmo têm dono (1819), mas os proprietários das fazendas localizadas na base da montanha levam seus animais para pastarem ali. Geralmente cai geada no cume da serra, nos meses de junho e julho.*

Em meio a essa amplidão da paisagem, nasce solitário um filete de água que dá origem ao rio da integração nacional, que vai atravessar as mais diversas paisagens, irrigando cerrados, caatingas e matas tropicais e, também, gerando energia elétrica para grande parte do Brasil.



Nascente do Rio São Francisco, no alto da Serra da Canastra

## PERSONAGENS

À semelhança da viagem de Saint-Hilaire, durante este percurso surgiram muitas pessoas que poderiam ser personagens de livro, por serem representativas e evocarem uma época. A expressão das pessoas reflete o ambiente em que vivem e suas histórias são elos de ligação entre o passado e o presente.

O meio ambiente e o ser humano não podem ser tratados separadamente. Os relatos dos viajantes do século XIX, por mais precisos, detalhados e ricos que fossem, não teriam sentido sem a presença do homem. O que seria destes relatos sem os Felisbertos, os Marianos, as Tomázias e todos os personagens citados, que Saint-Hilaire encontrou? O naturalista pareceu sentir falta de mais personagens para enriquecer seu relato. A ele é atribuída a frase:

*... Havia um país chamado Brasil, mas absolutamente não havia brasileiros.*

Nas palavras do melancólico e saudosista Saint Hilaire, quando escrevia seus relatos em Paris, percebe-se a marca que as relações humanas deixaram:

*... Felisberto, se ainda está vivo, não deve mais se lembrar do estrangeiro que um dia lhe foi pedir abrigo. Quanto a mim, ainda me parece ouvi-lo contar com calma as afrontas e vexames de que tinha sido vítima. Os exemplos de honestidade e de virtude não são tão comuns para que possamos esquecê-los facilmente.*

Neste ponto, ambas as viagens, a do século XIX e a do XXI, mostram um denominador comum. Os personagens do século XXI, o Jaime, o Brás, o Ulisses, o Chiquinho e a Terezinha, com todas as interferências do homem no meio ambiente, ainda constituem a grande riqueza dos lugares: são os personagens, pois afinal, como bem o disse Auguste Saint-Hilaire, não se podem esquecer exemplos de honestidade e virtude tão facilmente...até hoje.



Marcos Miranda



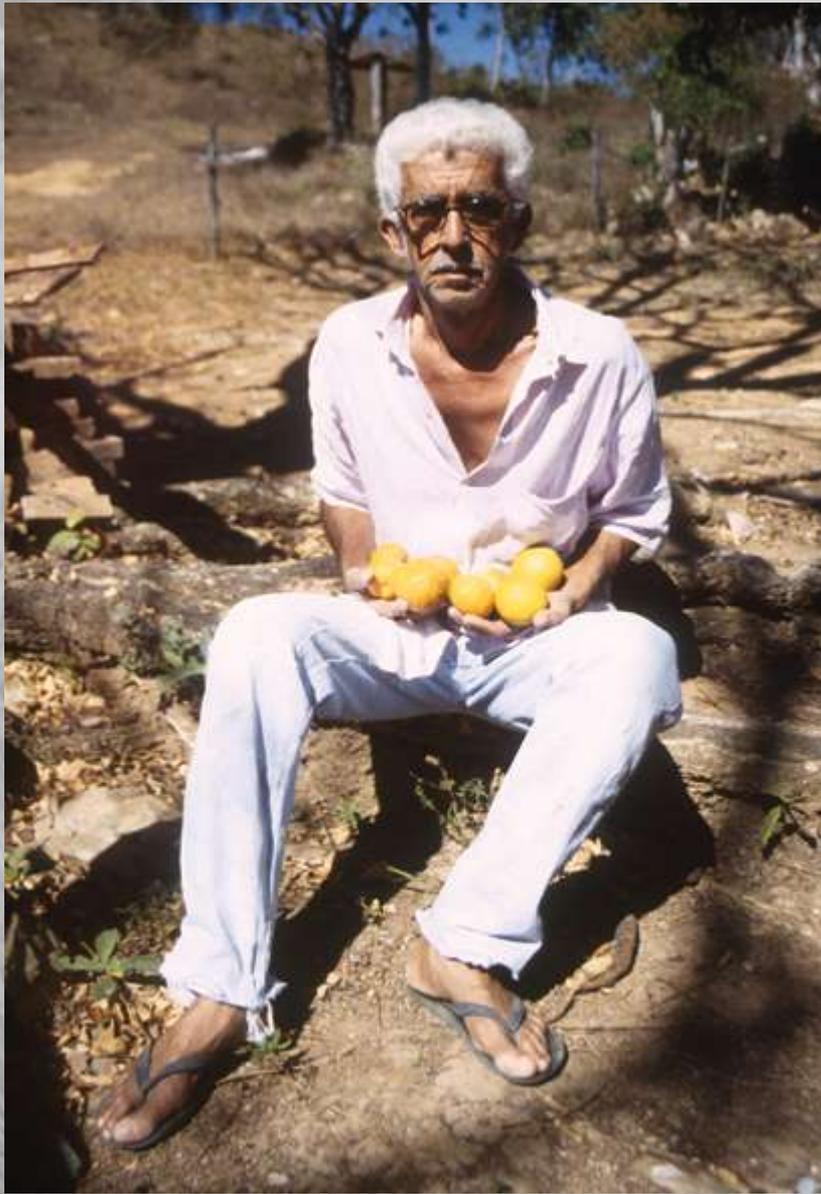
Seu Brás



Seu Jaime e Dona Maria



Seu Chiquinho e Dona Terezinha



Juquinha



Ulisses



Paulo Nunes e seu  
antepassado



Dona Vicentina

Júlio César Mendes nasceu em 1952 na cidade de Matipó, em Minas Gerais. Pesquisador em geologia e professor pela Escola de Minas (EM) da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) é apreciador das obras dos viajantes e tem mais de duas décadas de experiência em trabalhos de campo.



## OS AUTORES

Antonio Liccardo nasceu em 1965 em Curitiba - Paraná. Também pesquisador em geologia pela UFOP, é fotógrafo profissional e já publicou três livros com imagens, incluindo "Nas Trilhas de Saint-Hilaire", refazendo o trajeto do explorador de São Paulo ao Paraná, com o jornalista Marcelo Lima.

# SAINT-HILAIRE

Auguste Saint-Hilaire nasceu em 04 de outubro de 1779 (Orleans - França) e morreu em 30 de setembro de 1853 (Turpinière - França). Aos 37 anos de idade chegou ao Brasil (1816), permanecendo até 1822. Neste período viajou cerca de 12.000 km pelo interior do Império, coletou mais de 30.000 exemplares de plantas, abrangendo mais de 7.000 espécies, das quais 4.500 até então eram desconhecidas. Redigiu vários relatórios de suas viagens, entre eles a *Flora Brasiliae Meridionalis*, publicado em Paris, após a sua volta à França e considerada uma das referências em botânica até os dias atuais. Em sua obra completa, "*Voyages dans l'Intérieur du Brésil*", descreve a fauna, flora, geomorfologia e aspectos humanos do país. A terceira parte, "*Voyage aux Sources du Rio São Francisco*", refere-se ao trajeto realizado em 1819, passando pelas nascentes do Rio São Francisco. Na década de 70, a Editora Itatiaia reeditou uma tradução de Regina Regis Junqueira, em sua coleção *Reconquista do Brasil*, que serviu de roteiro para essa "revisita".

